

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

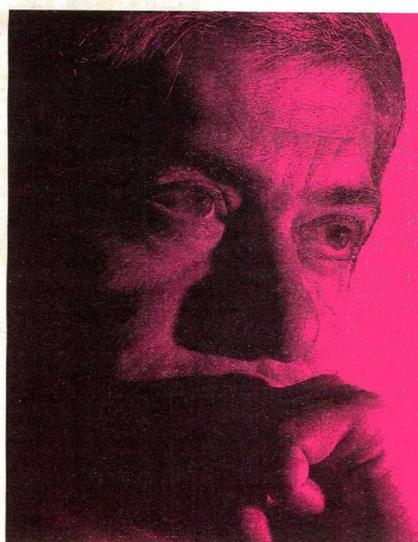
Tiragem: 14000

Temática: Justiça

Dimensão: 5661 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/14 a 19



SÓCRATES. CINCO ANOS DEPOIS DA DETENÇÃO AINDA NÃO SE SABE SE VAI HAVER JULGAMENTO

Saiba o que foram dizendo os apoiantes do antigo primeiro-ministro

// PÁGS. 14-19

A large graphic with a dark red background. On the left, there is a close-up, high-contrast photograph of a man's face (Socrates) looking downwards. The rest of the graphic is a solid dark red color with white text. The text is arranged in a hierarchy: a large headline, a sub-headline, and a smaller line of text at the bottom right.

i

22-11-2019

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

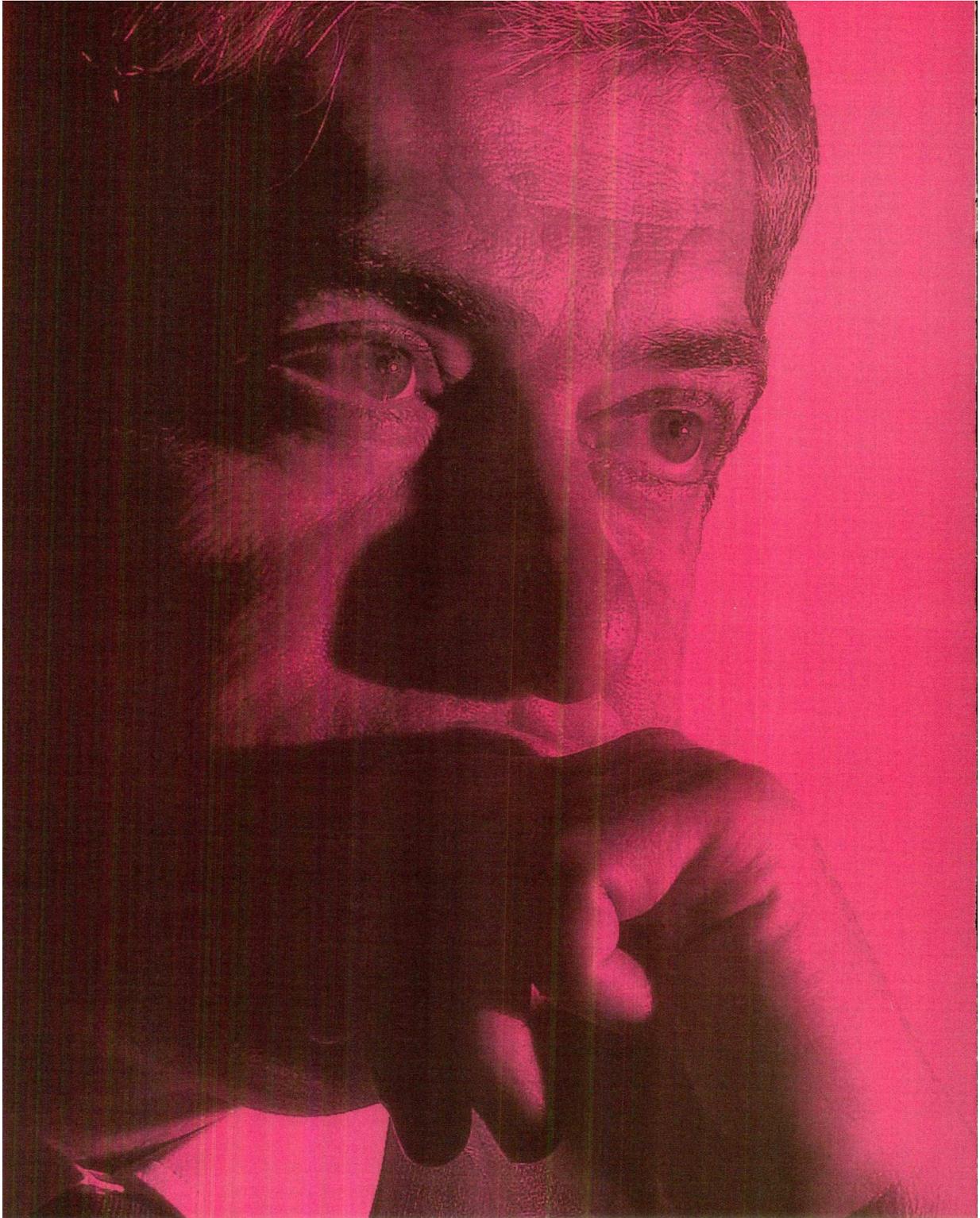
Tiragem: 14000

Temática: Justiça

Dimensão: 5661 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/14 a 19



B ZOOM // **DA DETENÇÃO** **À INCÓGNITA**

Sócrates foi detido há cinco anos e, desde então, a justiça e a política mudaram, como mudou o que se disse sobre o caso Marquês. O i faz uma retrospectiva do que se passou desde novembro de 2014, numa altura em que nem se pode antever se haverá ou não julgamento.

TEXTOS *Carlos Diogo Santos e Luís Claro*

B Zoom // Operação Marquês

Antes

“Acredito na inocência do senhor engenheiro José Sócrates. Claro que sim”

Edite Estrela

DIRIGENTE DO PS, NO DIA 6 DE JANEIRO DE 2015

“Venho apenas visitar um amigo. Obviamente [que acredito na sua inocência]”

Capoulas Santos

EX-MINISTRO DO PS APÓS UMA VISITA A SÓCRATES NA PRISÃO DE ÉVORA, EM 2015

“O meu testemunho em relação ao ex-primeiro-ministro José Sócrates é de uma relação absolutamente impecável na defesa do interesse público, em todas as áreas em que trabalhei com ele”

Fernando Medina

PRESIDENTE DA CÂMARA DE LISBOA, EM ENTREVISTA AO “PÚBLICO”, EM 2015

“Ao contrário de outros, nunca reneguei as minhas amizades, nunca as reneguei em quaisquer circunstâncias”

Renato Sampaio

DIRIGENTE DO PS, EM 2015, NAS REDES SOCIAIS

“Têm feito uma campanha contra ele que é uma infâmia”

Mário Soares

EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, DEPOIS DE UMA VISITA A PRISÃO, EM 2015

“Lamento muito que o Sócrates saia. O partido não cumpriu o seu dever para com ele”

António Campos

EX-DIRIGENTE DO PS

O homem que “luta pela sua verdade” está cada vez mais isolado

LUÍSLARO
luisclaro@online.pt

Fez ontem cinco anos que o país foi apanhado de surpresa com a detenção do ex-primeiro-ministro, José Sócrates, por “suspeitas dos crimes de fraude fiscal, branqueamento de capitais e corrupção”. O homem que governou o país durante seis anos, deu a primeira e única maioria absoluta ao PS e foi eleito várias vezes secretário-geral com mais de 90% dos votos ficou em prisão preventiva, na prisão de Évora, depois de ser detido no aeroporto de Lisboa.

A notícia caiu que nem uma bomba dentro do Partido Socialista. António Costa tinha acabado de ser eleito para a liderança e o processo judicial do ex-primeiro-ministro ameaçava tornar-se num problema sério. Mesmo assim, nos primeiros tempos, Sócrates contou com a solidariedade de muitos socialistas. Capoulas Santos, ex-ministro da Agricultura, foi o primeiro a visitá-lo na prisão de Évora e garantiu que acreditava na sua inocência. “Obviamente”, disse Capoulas, depois de visitar “um amigo”.

Edite Estrela também esteve entre os muitos socialistas que se deslocaram a Évora. À saída, a deputada socialista garantiu que acreditava na sua “inocência”.

Os tempos eram outros e Sócrates ainda recebia nesta altura várias manifestações de solidariedade das mais altas figuras do PS. “O meu testemunho em relação ao ex-primeiro-ministro José Sócrates é de uma relação absolutamente impecável na defesa do interesse público, em todas as áreas em que trabalhei com ele. Faço esse testemunho aqui e faço esse testemunho em qualquer lugar. Não posso dizer mais do que isto, mas também não digo menos do que isto”, disse o presidente da câmara de Lisboa, Fernando Medina, em 2015, numa entrevista ao *Público*.

Ao mesmo tempo, os mais próximos promoviam almoços, jantares e outras iniciativas de apoio ao ex-primeiro-ministro. Mário Soares, Alberto Costa ou Mário

Lino foram algumas das personalidades que participaram em eventos de solidariedade com o ex-líder socialista. Algumas destas iniciativas reuniram mais de 500 pessoas.

Com o tempo, Sócrates foi perdendo amigos e apoios. Muitos socialistas aproveitaram o caso Manuel Pinho para se distanciarem de Sócrates. João Galamba, amigo do ex-primeiro-ministro e atual secretário de Estado da Energia, foi um deles. “Já há hoje dados suficientes para que isto envergonhe o Partido Socialista. O facto de viver com dinheiro de um amigo não abona a favor dele. Tudo isso é inacreditável”, disse, em maio de 2018, o ex-porta-voz do PS.

Galamba não fez mais do que juntar-se a outros socialistas que se mostraram “envergonhados” com o caso Sócrates. Carlos César, Fernando Medina, Augusto Santos Silva e outros socialistas com peso distanciaram-se e deixaram Sócrates sozinho a reclamar a sua inocência. Uma atitude que nem todos apreciaram. “O que rejeito são estas posições públicas a bater numa pessoa que está caída. Acho indigno”, disse a ex-ministra Gabriela Canavilhas, num entrevista ao semanário *SOL*.

António Costa não esperou pelo desenrolar do processo para se distanciar. “Vai certamente lutar pelo que acredita ser a sua verdade”, disse o agora primeiro-ministro, após uma visita na cadeia de Évora. Assim que Sócrates foi detido, que coincidiu com a sua eleição para secretário-geral do PS, Costa enviou uma mensagem aos militantes a pedir para que não misturassem “os sentimentos de solidariedade” com a ação política do PS.

Sócrates percebeu que os tempos tinham mudado e decidiu abandonar o partido que liderou para “pôr fim a este embaraço mútuo”. Cinco anos depois de ter sido detido são poucos os que o defendem na praça pública e cada vez mais raras as aparições públicas. O “animal feroz” dedica hoje todas as energias a preparar a sua defesa. Quase sozinho e longe dos holofotes.

“SERÁ EM LEGÍTIMA DEFESA QUE IREI, CONFORME FOR ENTENDENDO, DESMENTIR AS FALSIDADES LANÇADAS SOBRE MIM E RESPONSABILIZAR OS QUE AS ENGENDRARAM”

“O SISTEMA VIVE DA COBARDIA DOS POLÍTICOS, DA CUMPLIÇÃO DE ALGUNS JORNALISTAS; DO CINISMO DAS FACULDADES E DOS PROFESSORES DE DIREITO E DO DESPREZO QUE AS PESSOAS DECENTES TÊM POR TUDO ISTO”

“A ATUAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO PARA COMIGO É DE AGRESSIVIDADE E SELVAJARIA, SEM NENHUMA BASE PARA FAZER AS IMPUTAÇÕES QUE FAZ”

“Quero que saibam que estou em modo de luta, não em modo de resignação”

Fez ontem cinco anos que José Sócrates foi detido no aeroporto de Lisboa. O ex-primeiro-ministro continua a reclamar inocência, mas foi perdendo amigos e apoios. Pelo caminho, o líder que conseguiu a única maioria absoluta para o PS abandonou o partido para acabar com “um embaraço mútuo”.

“Não tenho dúvidas que este caso tem também contornos políticos e sensibilizam-me as manifestações de solidariedade de tantos camaradas e amigos. Mas quero o que for político à margem deste debate. Este processo é comigo e só comigo”

“Ao fim de seis meses, eu realmente o que contava não é que o PS intervisse no processo, mas que o PS dissesse: desculpem, mas não será o momento de apresentarem as provas? Não acham que o PS está a ser prejudicado por isto?”

“Venho repor a verdade. Bem sei que é um longo caminho, mas é aquilo que tenho feito ao longo de cinco anos”



Depois

“Se essas ilegalidades se vierem a confirmar, serão certamente uma desonra para a democracia. Mas se não se vierem a confirmar é a demonstração que o nosso sistema de justiça funciona”

António Costa
 DIRIGENTE DO PS, EM MAIO DE 2018

“Já há hoje dados suficientes para que isto envergonhe o Partido Socialista. O facto de viver com dinheiro de um amigo não abona a favor dele. Tudo isso é inaceitável”

João Galamba
 DIRIGENTE DO PS, EM MAIO DE 2018

“As acusações são graves e se forem provadas isso é muito grave. Se não forem provadas e se demonstrar que um ex-primeiro-ministro esteve preso injustamente é igualmente grave”

Pedro Silva Pereira
 EURODEPUTADO DO PS, EM MAIO DE 2018

“Se os comportamentos criminosos de que se fala forem provados, sentir-me-ei não só embaraçado como traído”

Augusto Santos Silva
 MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, EM MAIO DE 2018

José Sócrates. Cinco anos passaram entre a detenção e a incógnita

Chegou ao aeroporto de Lisboa já era noite e à sua espera estavam os investigadores. Sócrates não foi apanhado desprevenido, mas os meses e anos que se seguiram foram de duros ataques à Justiça. Agora diz estar satisfeito e querer repor a verdade. Se haverá ou não julgamento ainda ninguém sabe.

CARLOS DIOGO SANTOS
carlos.santos@ionline.pt

É já noite quando José Sócrates aterriza no aeroporto de Lisboa vindo de Paris, no voo AF 1124, da companhia aérea Air France. Aquela sexta-feira, 21 de novembro, fez agora cinco anos. O ex-primeiro-ministro é um dos últimos passageiros a abandonar o Airbus 319 – a saída aconteceu pela porta da frente e ele estava na penúltima fila, no assento 23 C. O intervalo entre a aterragem e a saída, perto de 15 minutos, já lhe tinha dado tempo para fazer algumas chamadas, nomeadamente para o então deputado socialista Nuno André Figueiredo que o pôs a par das principais notícias dos telegorais – nomeadamente que responsáveis do Grupo Lena haviam sido ouvidos no âmbito do processo Monte Branco, um dos detalhes que é relatado no livro *Caso Sócrates - O Julgamento do Regime*.

Sócrates havia planeado regressar a Lisboa na véspera da sua detenção – comprou inclusivamente bilhetes em outros três voos – mas foi adiando a sua viagem. Nessa época o ex-governante anunciara aos amigos que estava a trabalhar para a farmacêutica Octapharma, como consultor para a América Latina, e não escondia de ninguém que estudava em França. Na quinta-feira – dia em que supostamente Sócrates chegava a Lisboa – a mega operação estava montada, 150 homens, entre elementos do MP, da Inspeção Tributária, das Alfândegas e agentes da PSP.

Carlos Santos Silva, amigo de longa data de José Sócrates e o advogado deste, Gonçalo Trindade Ferreira, aterraram em Lisboa, vindos de Paris, onde estiveram com José Sócrates, cerca das 19h e tinham à sua espera a polícia. As instalações do Grupo Lena também tinham sido alvo de buscas nas últimas horas.

A investigação já sabia que José Sócrates não viria, porque não tinha entrado no voo da TAP TP421 que chegaria a Lisboa ao início da tarde, nem no da Air France AF1924 com previsão de chegada ao final da tarde de quinta-feira. Ainda assim o Ministério Público decidiu avançar. E uma escuta de uma chamada entre Sócrates e o seu motorista permitiu à equipa ter confiança de que a detenção aconteceria no dia seguinte, sexta-feira, 21 de novembro de 2014. E assim foi. Chegou nesse dia, mas já depois de uma reunião com o seu advogado João Araújo que, perante as detenções de quin-

ta-feira, partiu para a capital francesa na manhã de sexta-feira.

Depois da detenção, que foi acompanhada por imagens de uma televisão que estava no aeroporto, a Procuradoria-Geral da República apressou-se a oficializar que tinham sido detidos o ex-governante e outras três pessoas – o único detido fora do aeroporto fora João Perna, motorista do antigo primeiro-ministro – no âmbito de uma investigação relativa a “suspeitas dos crimes de fraude fiscal, branqueamento de capitais e corrupção”.

No dia seguinte à detenção, foram realizadas buscas à casa de José Sócrates, no edifício Heron Castilho, junto ao Marquês de Pombal, em Lisboa, tendo depois o arguido sido presente ao juiz Carlos Alexandre, numa altura em que o Tribunal Central de Instrução Criminal estava ainda no Campus da Justiça. A diligência prolongou-se durante horas e continuou no dia seguinte.

É a 24 de novembro que o pesadelo de José Sócrates começa a ganhar outras dimensões, com a decretação da prisão preventiva, a medida de coação mais gravosa – o mesmo que fora decidido para Carlos Santos Silva e João Perna. Gonçalo Trindade Ferreira fica apenas proibido de se ausentar para o estrangeiro e de contactar com os demais arguidos. De rajada, também a Octapharma decide pôr fim ao contrato que celebrara com Sócrates – mais tarde o MP viria a defender que este contrato era apenas uma fachada para receber dinheiro que já era seu.

Tinham passado poucos dias desde a sua detenção, quando Sócrates decide pronunciar-se publicamente sobre o que lhe estava a acontecer. Na carta, enviada ao *Público*, falava mesmo num caso com “contornos políticos”.

Mas a Justiça insistia que havia fundamento para a prisão preventiva, com o Supremo Tribunal de Justiça a recusar

O ex-primeiro-ministro foi acusado no final de 2017 da prática de 31 crimes de natureza económica

José Sócrates recusou aceitar a alteração da medida de coação mais gravosa para passar para prisão domiciliária



Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

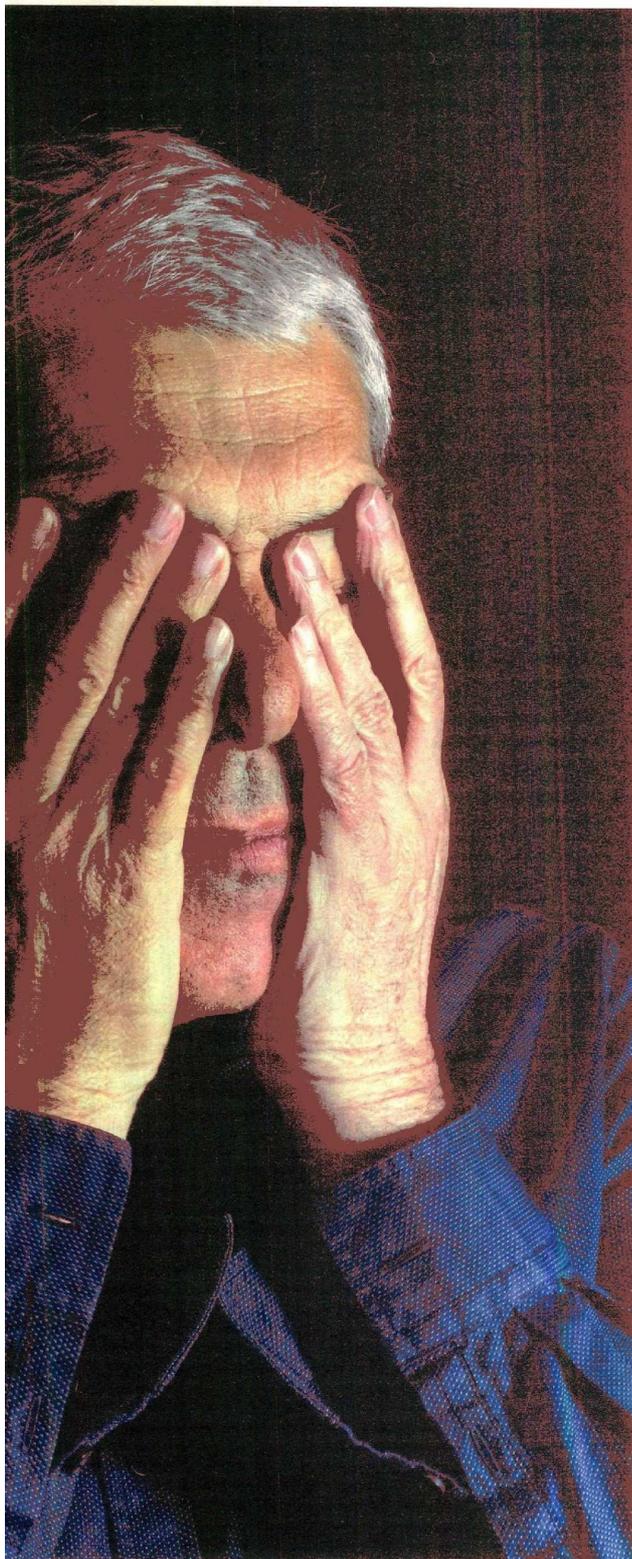
Tiragem: 14000

Temática: Justiça

Dimensão: 5661 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/14 a 19



Ex-primeiro-ministro foi detido a 21 de novembro de 2014 no aeroporto de Lisboa, quando regressava da capital francesa

DIANA TINOCO

diversos *Habeas Corpus*. A 24 de fevereiro de 2015, Carlos Alexandre – que já havia permitido que João Perna passasse para prisão domiciliária e nesse dia a substitui por outra não privativa de liberdade – insiste que José Sócrates e Carlos Santos Silva devam manter-se na prisão. E nem a Relação de Lisboa foi salvação, rejeitando uma reclamação da defesa de Sócrates.

Também em abril, já depois de Lalande e Castro ter sido constituído arguido, é a vez de Joaquim Barroca, administrador do Grupo Lena, ser detido para depor – fica em prisão preventiva. No mês seguinte, Carlos Santos Silva passa para prisão domiciliária e em junho foi proposto também ao ex-primeiro-ministro a alteração da medida de coação para prisão domiciliária, algo que Sócrates recusou – mantendo-se assim por mais uns tempos na cadeia de Évora.

A ida para casa acaba por acontecer já em setembro, no dia 4, por determinação do juiz Carlos Alexandre. José Sócrates completava assim 288 dias em prisão preventiva. Tudo acontecia exatamente um mês antes das eleições legislativas – Sócrates exerceu o direito de voto sem pedir autorização, informando apenas a Justiça. O ex-primeiro-ministro sai da casa onde estava com pulseira eletrónica, junto ao Areeiro, à hora do almoço e vota na Avenida Alexandre Herculano às 13h25. E nesse mesmo mês, o ex-primeiro-ministro é colocado em liberdade, tal como Carlos Santos Silva.

Por considerar que o prazo máximo do inquérito da Operação Marquês ficara extinto a 19 de outubro, a defesa pediu a 16 de novembro o fim das medidas de coação. Mas essas não foram as únicas críticas que a defesa do ex-primeiro-ministro ia fazendo.

Em março do ano seguinte, o ex-diretor do Departamento Central de Investiga-

ção e Ação Penal, Amadeu Guerra, fixa como 15 de setembro o prazo máximo da investigação, justificando com a complexidade da mesma – mas nem esse prazo seria respeitado. Um dia antes da data limite dada pelo DCIAP, a defesa de Sócrates pede o afastamento do juiz Carlos Alexandre por este ter dito numa entrevista à *SIC* que não tinha dinheiro em contas de amigos – recorde-se que o MP defende que Sócrates tinha dinheiro nas contas de Carlos Santos Silva.

E já em 2017 a Operação Marquês toca por fim no BES e na PT, com Ricardo Salgado a transformar-se no 19.º arguido do processo. De seguida as suspeitas chegaram a ex-administradores da telefónica portuguesa, como Henrique Granaideiro e Zeinal Bava.

A acusação chega definitivamente a 11 de outubro de 2017. No total são 28 arguidos: 19 pessoas e nove empresas. José Sócrates é acusado de 31 crimes de corrupção passiva, falsificação de documentos, fraude fiscal qualificada e branqueamento de capitais.

A fase de instrução, que é optativa, foi pedida por 19 arguidos, incluindo pelo ex-governante, e caiu nas mãos do juiz Ivo Rosa a 28 de setembro do ano passado – um sorteio informático que fez rolar muita tinta por erros do sistema informático. As primeiras sessões começaram em janeiro deste ano e o magistrado já agendou o debate instrutório para os últimos dias de janeiro de 2020.

Sócrates foi recentemente interrogado pelo juiz e, à porta do tribunal, afirmou aos jornalistas que estava “muito satisfeito” com a forma como as coisas corriam na sala de audiências. E disse também que queria aproveitar esta fase para repor a verdade.

Cinco anos depois da detenção, datas para o início do julgamento, caso venha a existir, ninguém arrisca.